

- São Bernardo, C. S. e Galetti M. 2004. Densidade e tamanho populacional de primatas em um fragmento florestal no sudeste do Brasil. *Rev. Bras. Zool.* 21(4): 827–832.
- Shaffer, M. L. 1981. Minimum population sizes for species conservation. *BioScience* 31(2): 131–134.
- Silva, J. M. C. e Casteleti, C. H. M. 2005. Estado da biodiversidade da Mata Atlântica brasileira. Em: *Mata Atlântica – Biodiversidade, Ameaças e Perspectivas*, C. Galindo-Leal e I. G. Câmara (eds.), pp.43-59. Fundação SOS Mata Atlântica e Conservação Internacional, Belo Horizonte.
- Stevenson, M. F. e Rylands, A. B. 1988. The marmosets, genus *Callithrix*. Em: *Ecology and Behavior of Neotropical Primates*, vol. 2, R. A. Mittermeier, A. B. Rylands, A. F. Coimbra-Filho e G. A. B. Fonseca (eds.), pp.131–211. World Wildlife Fund, Washington, D.C.
- Thomas, L., Laake, J. L., Strindberg, S., Marques, F. F. C., Buckland, S. T., Borchers, D. L., Anderson, D. R., Burnham, K. P., Hedley, S. L., Pollard, J. H., Bishop, J. R. B. e Marques T. A. 2005. Distance 5.0. Release Beta 5. Research Unit for Wildlife Population Assessment, University of St. Andrews, UK. Sítio: <<http://www.ruwpa.st-and.ac.uk/distance/>>. Acessada em 20 de abril de 2006.
- Vieira, M. V., Faria, D. M., Fernandez, F. A. S., Ferrari, S. F., Freitas, S. R., Gaspar, D. A., Moura, R. T., Olfiers, N., Oliveira, P. P., Pardini, R., Pires, A. S., Ravetta, A., Mello, M. A. R., Ruiz-Miranda, C. R. e Setz, E. Z. F. 2003. Mamíferos. Em: *Fragmentação de Ecossistemas: Causas e Efeitos Sobre a Biodiversidade e Recomendações de Políticas Públicas*, D. M. Rambaldi e D. A. S. Oliveira (eds.), pp.125–151. MMA/CNPq, Brasília.

DISTRIBUIÇÃO E VARIAÇÃO NA PELAGEM DE *CALLICEBUS COIMBRAI* (PRIMATES, PITHECIIDAE) NOS ESTADOS DE SERGIPE E BAHIA, BRASIL

Marcelo Cardoso de Sousa
Sidnei Sampaio dos Santos
Mariana Coelho Marques Valente

Introdução

Callicebus coimbrai (guigó) foi descrito por Kobayashi e Langguth em 1999 com base em exemplares coletados na zona da mata de Sergipe. Os mesmos autores sugeriram que a área de distribuição geográfica da espécie se restringia à região litorânea do Estado de Sergipe e norte do Estado da Bahia e apontaram a necessidade de mais estudos para uma melhor definição da distribuição geográfica e dos habitats ocupados por *C. coimbrai*. Desde então, mais informações foram acrescentadas ao trabalho de Kobayashi e Langguth (1999), principalmente em relação a novas áreas de ocorrência e ao estado de conservação da espécie (Sousa, 2000, 2003; van Roosmalen *et al.*, 2002, Printes, 2005, Jerusalinsky *et al.*, 2006). Printes (2005) registrou *C. coimbrai* no município de Lamarão do Passé, Bahia, e ampliou o limite

de sua distribuição geográfica até o Recôncavo Baiano. Apesar do grande potencial de ocorrência em fragmentos florestais ao longo do litoral norte da Bahia, o levantamento de informações subsequente e o maior volume de dados provem, principalmente, do Estado de Sergipe (Jerusalinsky *et al.*, 2006).

Callicebus coimbrai é listada como “Criticamente Em Perigo” (Brasil, MMA, 2003; IUCN, 2007) devido, principalmente, à perda e fragmentação de seu hábitat e ao reduzido tamanho de suas populações em sua restrita área de distribuição. As iniciativas de proteção da espécie ainda são incipientes e suas populações encontram-se isoladas e vulneráveis à ação de caçadores. Para reverter o quadro atual, Unidades de Conservação (UCs) privadas e públicas vêm sendo propostas e criadas (por exemplo, o Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco, criado pelo Decreto Estadual nº 24.944 de 26/12/2007 e as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) Bomfim da Cachoeira e Castelo, no Estado de Sergipe). Neste trabalho registramos novas áreas de ocorrência de *C. coimbrai* nos Estados da Bahia e Sergipe, fornecemos subsídios para a avaliação do seu estado de conservação e descrevemos variações de coloração da pelagem ao longo de sua distribuição.

Métodos

Doze fragmentos florestais em Sergipe e no norte da Bahia com áreas variando de 300 a 3,000 ha foram selecionados a partir de consultas a mapas de vegetação da SUDENE (escala 1:100,000) de 1974 e imagens TM/Landsat de 2000. Estes fragmentos foram visitados mensalmente a partir de janeiro de 2002 para determinar a ocorrência de *C. coimbrai*. Além desses maiores remanescentes florestais, cerca de 160 pequenos fragmentos de mata foram visitados, a maior parte após indicação obtida em entrevistas esporádicas com moradores da região que relatavam a presença dos guigós naquelas pequenas áreas. A presença da espécie foi investigada percorrendo-se transectos com comprimento médio de 1,500 m no sentido da borda para o interior da mata, e utilizando-se a reprodução de vocalizações (*playback*) da espécie. Em cada registro visual eram anotados o número de indivíduos, seu comportamento e padrão de coloração da pelagem, a estrutura e características da vegetação na qual os animais se encontravam e as coordenadas geográficas do local.

Resultados e Discussão

Distribuição

Registros visuais e auditivos foram obtidos em 70 fragmentos (31 em Sergipe e 39 no Estado da Bahia; Tabela 1). *Callicebus coimbrai* foi observado em fragmentos de floresta relativamente bem conservada e em áreas bastante alteradas de floresta ombrófila, floresta estacional semidecídua e caatinga. Constatamos pouca seletividade de hábitat por parte da espécie.

Kobayashi e Langguth (1999) indicaram que *C. coimbrai* estava restrita às florestas atlânticas costeiras compreendidas entre o rio São Francisco e o rio Itapicuru e que ocupavam os estratos mais baixos do dossel das florestas (Kinzey, 1981). A espécie foi registrada nas matas úmidas litorâneas desde o rio São Francisco no município de Japoatã (36°38'O, 10°23'S), Sergipe, até o rio Paraguaçu no município de São Francisco de Paraguaçu (12°39'S, 38°49'O), Bahia, e nas florestas decíduas do semi-árido até o município de Jeremoabo (10°00'S, 38°27'O), Bahia (Fig. 1). A ocorrência de *C. coimbrai* na caatinga pode estar relacionada à distribuição geográfica original da espécie,

expandida em décadas remotas quando as florestas úmidas e estacionais conectavam-se com as matas secas do interior, e antes dos desmatamentos que descaracterizaram a vegetação original e permitiram a expansão e predominância de elementos vegetais xeromórficos no semi-árido nos dias atuais (Coimbra-Filho e Câmara, 1996). Embora os estudos sobre a distribuição geográfica de *C. coimbrai* não estejam concluídos (as áreas a oeste da BR101 na Bahia ainda não foram visitadas), a ampliação de sua área de ocorrência representa um passo importante para a compreensão dos processos que determinaram o padrão de distribuição atual da espécie.

Tabela 1. Registros de *Callicebus coimbrai* nos Estados de Sergipe e Bahia.

Localidade	Hábitat ¹	Área (ha)	Estado ²	Coordenadas		Referência ³
1-Assentamento Rainha dos Anjos	FO	180	BA	12°23'S	38°28'O	PE
2-Projeto Subaumurim	FO	260	BA	12°06'S	37°53'O	PE
3-Mata Povoado Jangada	FO	60	BA	12°05'S	37°58'O	PE
4-Cachoeira II	FO	222	BA	12°21'S	37°55'O	PE
5-Lontra	FO	1774	BA	12°15'S	37°58'O	PE
6-São Jose do Aveno Bacell	FO	33	BA	12°19'S	38°08'O	PE
7-Fazenda Coqueiro das Águas	FO	110	BA	12°33'S	38°24'O	PE
8-Fazenda Santo Antonio	FO	42	BA	12°25'S	38°21'O	PE
9-Mata dos Tauas	FO	30	BA	12°25'S	38°24'O	PE
10-Altamira I	FO/FS	380	BA	11°47'S	37°46'O	PE
11-Altamira de Evandro	FO/FS	260	BA	11°46'S	37°47'O	PE
12-Faz Gameleira	FO	770	BA	12°09'S	37°58'O	PE
13-Gameleira III	FO	550	BA	12°04'S	38°06'O	PE
14-Fazenda Santa Clara	FO	80	BA	12°26'S	38°32'O	PE
15-Miranga	FO	41	BA	12°20'S	38°14'O	PE
16-Matas de São Miguel	FO	84	BA	12°22'S	38°27'O	PE
17-Capão entrada Pedrão	FO/FS	50	BA	12°08'S	38°37'O	PE
18-Serra Pedrão	FO/FS	220	BA	12°10'S	38°36'O	PE
19-Fazenda Baixa Funda	FO	91	BA	12°18'S	38°22'O	PE
20-Boa Vista de Opalma	FO	54	BA	12°34'S	38°59'O	PE
21-Assentamento Bela Vista/Trindade	FO	220	BA	12°29'S	38°46'O	PE
22-Complexo da Serra de São Francisco	FO	3000	BA	12°39'S	38°49'O	PE
23-Pereira	FO	126	BA	12°15'S	38°18'O	PE
24-Fazenda Calembá	FS - MS	30	BA	11°21'S	28°10'O	PE
25-Reserva Ponder	FO	84	BA	11°50'S	37°58'S	PE
26-Torre Telebahia	FO	180	BA	11°38'S	37°53'O	PE
27-Fazenda Sabão	FO	300	SE	11°30'S	37°34'O	SO, JE, PE
28-Assentamento Chico Mendes	FO	50	SE	11°30'S	37°33'O	JE, PE
29-Fazenda Escôncio	FO	250	SE	11°23'S	37°35'O	JE, PE
30-Mata do Crasto	FO	900	SE	11°22'S	37°25'O	SO, JE, PE
31-Mata de Edvaldo Vereador	FO	45	BA	12°25'S	38°23'O	PE
32-Muritiba	FO	33	BA	12°25'S	38°22'O	PE
33-Mata Fome	FO	110	BA	12°23'S	38°23'O	PE
34-Posto Floresta	FO	22	BA	12°23'S	38°26'O	PE
35-Campina	FO	950	BA	12°27'S	38°24'O	PE
36-Matas de Conde	FO	100	BA	11°46'S	37°44'O	PE
37-Matas Indiaroba	FO	30	SE	11°30'S	37°34'O	PE
38-Fazenda Salobro	FS	50	SE	11°02'S	37°43'O	JE, PE

Localidade	Hábitat ¹	Área (ha)	Estado ²	Coordenadas		Referência ³
39-Fazenda Fortaleza	FS	20	SE	11°05'S	37°40'O	PE
40-Mata do Convento	FO	80	SE	11°28'S	37°27'O	PE
41-Mata da Jibóia	FO	50	SE	11°27'S	37°43'O	PE
42-Mata do Bugio	FS	200	SE	11°26'S	37°42'O	JE, PE
43-Mata de São Roque	FS	10	SE	11°31'S	37°41'O	PE, JE
44-Mata do Cruzeiro	FO	200	SE	11°32'S	37°41'O	KL, JE, PE
45-Mata do Pau Torto	FO	250	SE	11°23'S	37°28'O	JE, PE
46-Mata Votorantim	FO	160	SE	11°06'S	37°18'O	PE
47-Fazenda Trapsa	FO	300	SE	11°12'S	37°13'O	SO, JE, PE
48-Nova Descoberta	FO	40	SE	11°06'S	37°18'O	SO, JE, PE
49-Mata do Dira	FO	100	SE	10°53'S	37°20'O	SO, JE, PE
50-Mata do Oiteiro	FO	70	SE	10°39'S	37°02'O	SO, JE, PE
51-Mata da Aguada	FO	40	SE	10°40'S	36°55'O	SO, JE, PE
52-Mata do Junco	FO	400	SE	10°32'S	37°02'O	SO, JE, PE
53-Mata da Santana	FS/FO	300	SE	10°32'S	36°43'O	KL, SO, JE, PE
54-Mata da Aiumas	FO	60	SE	10°25'S	36°55'O	SO, JE, PE
55-Mata Cadoz	FO	50	SE	10°23'S	36°38'O	SO, JE, PE
56-Mata da Serra Preta	FS - MS	100	SE	10°29'S	37°32'O	SO, JE, PE
57-Lagoa do Carneiro	CA	6	SE	10°12'S	37°28'O	PE
58-Mata do Guia	CA	300	SE	10°14'S	37°29'O	JE, PE
59-Fazenda Venturosa	CA	60	SE	10°09'S	37°42'O	PE
60-Jandaira	FO	100	BA	11°36'S	37°36'O	PE
61-Pedro Alexandre	FS - MS	20	BA	09°58'S	37°52'O	PE
62-Fazenda Mocambo	FS	200	SE	10°49'S	38°05'O	PE
63-Mata da Bolandeira	FS	15	SE	10°40'S	36°58'O	PE
64- Mata do Castelo	FO	150	SE	11°20'S	37°27'O	JE, PE
65-Raso do Santo	FS	10	BA	10°29'S	38°18'O	PE
66-Fazenda Caimbé	FS - MS	60	BA	10°00'S	38°27'O	PE
67-Fazenda Amescla	FS - MS	100	BA	09°54'S	38°20'O	PE
68-Fazenda Vaca Brava	FS - MS	100	BA	10°42'S	38°13'O	PE
69-Timbó	FO	10	SE	10°55'S	37°14'O	PE
70-Fazenda Mineiro	CA	150	BA	10°03'S	38°15'O	PE

¹FO = Floresta Ombrófila; FO/FS = Transição Floresta Ombrófila/Floresta Semidecídua; FS = Floresta Semidecídua; MS = Mata seca; CA = Caatinga.

²BA = Bahia; SE = Sergipe

³PE = Presente estudo; SO = Sousa, 2003; JE = Jerusalinsky *et al.*, 2006; KL = Kobayashi e Langguth, 1999.

Ameaças e conservação

Apesar do acréscimo de informações sobre a distribuição de *C. coimbrai* e a constatação de sua presença em novas áreas com tamanhos, estado de conservação e composição florística bastante diferentes, a degradação de seu hábitat e a fragmentação de suas populações ainda são uma ameaça à espécie. Mesmo que uma parte importante de sua área de distribuição tenha sido indicada pelo Ministério de Meio Ambiente como prioritária para a conservação (Brasil, MMA, 2007), as únicas unidades de conservação de proteção integral que poderiam garantir a manutenção das populações são a Estação Ecológica do Raso da Catarina na Bahia e o Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco em Sergipe (Fig. 1).

No entanto, no Raso da Catarina *C. coimbrai* ocorre apenas nas formações mais úmidas e em fragmentos florestais semidecíduos situados nas encostas e nos vales de pequenos morros nos municípios de Jeremoabo, Antas e Cícero Dantas, as quais estão situadas fora da estação ecológica em áreas limítrofes. Outras UCs de proteção integral em Sergipe como o Parque Nacional da Serra de Itabaiana, a Reserva Biológica de Santa Isabel e o Monumento Natural Grota do Angico não são áreas de ocorrência de *C. coimbrai*. O Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco, criado recentemente pelo Decreto Estadual nº 24,944 de 26/12/2007, foi estabelecido para assegurar a proteção de *C. coimbrai*. No entanto, caso não sejam adotadas ações de manejo para a conservação da espécie, a área pode não garantir a sobrevivência dos guigós a longo prazo, tendo

em vista tratar-se de um fragmento com 400 ha isolado em uma matriz de pastagens e cana-de-açúcar, sem conexão com outras áreas florestadas. Na região litorânea não existe nenhuma UC municipal, estadual ou federal que assegure a proteção das populações de *C. coimbrai* nos dois estados. Tanto a Área de Proteção Ambiental (APA) do Litoral Sul de Sergipe quanto a APA do Litoral Norte da Bahia - únicas unidades de conservação existentes ao longo da área de distribuição da espécie na Mata Atlântica - são insuficientes para

a proteção da espécie. Apesar das APAs terem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação humana na área e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais, este tipo de UC permite a ocupação humana (SNUC, 2000). Durante as pesquisas de campo obtivemos evidências de desmatamentos, queimadas, corte seletivo e caça nos fragmentos florestais, inclusive nas APAs dos dois estados (Figs. 2 e 3).

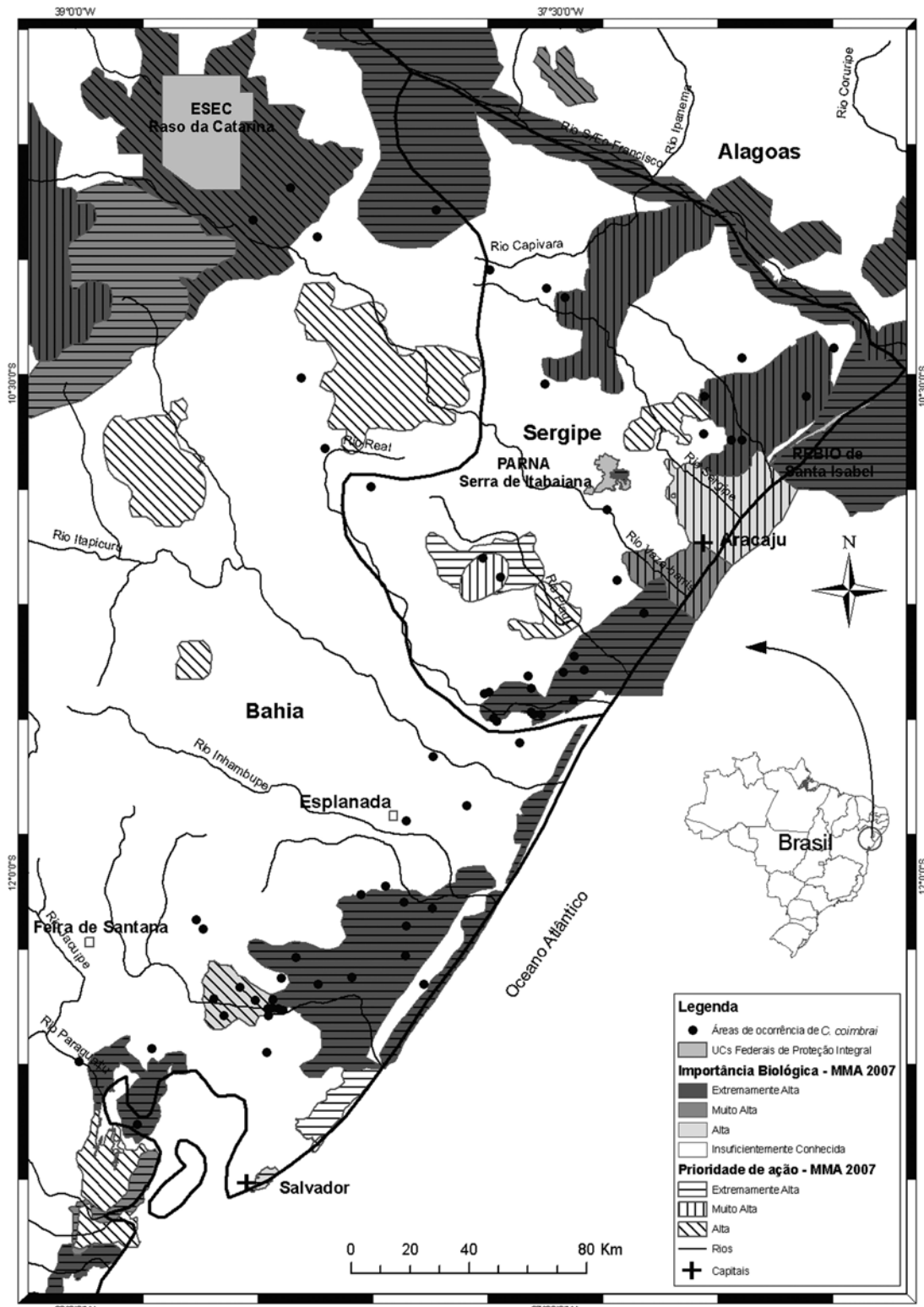


Figura 1. Ocorrência de *Callicebus coimbrai* em Sergipe e norte da Bahia.

As ações de fiscalização dos órgãos municipais, estaduais e federais de proteção ao meio ambiente (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente - IBAMA, Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos - SEMARH, Administração Estadual do Meio Ambiente - ADEMA) nos dois estados ainda são incipientes e incapazes de conter o processo de destruição das matas, e boa parte da população humana é indiferente às questões relacionadas com a conservação dos remanescentes florestais. Atualmente, ações isoladas vêm contribuindo para a proteção de algumas áreas de mata e iniciativas voluntárias de associações de moradores têm mobilizado comunidades e alguns fazendeiros. Entretanto, essas ações ainda carecem de apoio, incentivo e, no caso dos proprietários rurais, de orientação para que oficializem a proteção de seus fragmentos florestais através da criação de Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs). As RPPNs são atualmente as UCs que oferecem a melhor condição de proteção à espécie, cinco delas estão situadas na Bahia - Lontra (município de Entre Rios), Panema (município de Mata de São João), Peninha e São Joaquim da Cabonha (município de Cachoeira), Cajueiro (município de Esplanada), e duas recém criadas no Sergipe



Figura 2. Desmatamento de fragmento de Mata Atlântica (Município de Santa Luzia do Itanhy-SE).



Figura 3. Evidência de caça (pele e crânio, à direita, com marcas de tiro de arma de fogo). Recolhidos no município de Carmópolis-SE.

- Bomfim da Cachoeira e Castelo (ambas no município de Santa Luzia do Itanhy). Esse conjunto de RPPNs cobre uma área de cerca de 3,000 ha.

As RPPNs são unidades de conservação privadas criadas por iniciativa voluntária do proprietário e poderão ser um dos principais instrumentos para a proteção do guigó e de outras espécies ameaçadas que ainda vivem nas matas degradadas, ilhadas e empobrecidas, através da implantação de programas de restauração dos fragmentos e do manejo de metapopulações. A reversão desse quadro será possível se ações de educação ambiental e campanhas de conscientização caminharem lado a lado com programas de pesquisa e de proteção efetiva dos fragmentos. Importante e imprescindível também é a ampliação e fortalecimento das ações de conservação voltadas aos maiores blocos florestais do sul de Sergipe (Mata do Crasto e Fazenda Sabão) e ao longo do recôncavo e litoral norte da Bahia. Na Bahia, o conjunto de remanescentes florestais ao longo da serra do São Francisco do Paraguaçu (municípios de Santo Amaro, Cachoeira e Saubara), serra do Timbó (municípios de Pojuca e São Sebastião do Passé) e ao redor da RPPN Lontra (municípios de Entre Rios e Itanagra) abrigam as maiores áreas florestais entre os rios Paraguaçu (BA) e São Francisco (SE) ao longo da área de distribuição de *C. coimbrai*. Essas áreas são, até o momento, as mais importantes para garantir populações viáveis não só de *C. coimbrai*, mas também de outros representantes da fauna ameaçados que ainda subsistem no norte do Estado da Bahia, como o macaco-prego-do-peito-amarelo (*Cebus xanthosternos*), o ouriço-preto (*Chaetomis subspinosus*), a preguiça-de-coleira (*Bradypus torquatus*), a jaguatirica (*Leopardus pardalis*), e os pássaros olho-de-fogo-rendado (*Pyriglena atra*), papa-formigas (*Herpsilochmus pectoralis*), choquinha-de-rabo-cintado (*Myrmotherula urostricta*) e o papagaio-chauá (*Amazona rhodocorytha*).

Variação da pelagem

As observações de *C. coimbrai* nos fragmentos florestais ao longo de sua área de distribuição e de animais em cativeiro permitiram a descrição de variações no padrão de coloração da pelagem da espécie, as quais podem ser encontradas em indivíduos de um mesmo grupo. Essas diferenças foram observadas nas populações das áreas mais secas e nas matas úmidas na região litorânea e podem ter diversas causas: alteração da estrutura de pigmentos melânicos em reação à fotoproteção, alimentação ou diferenças ontogenéticas. O primeiro padrão de coloração foi estabelecido com base no holótipo coletado e fotografado por Kobayashi e Langguth (1999) na Mata Atlântica do norte de Sergipe. É um padrão de coloração bege e ocre relativamente semelhante ao observado em indivíduos da caatinga de Sergipe, o qual, apresenta diferenças discretas nas estrias da face, e muita semelhança na coloração do corpo estriado de bege, preto e cinza e na mancha branca conspícua da região cervical, possivelmente característica de indivíduos juvenis. As principais diferenças observadas em animais nas matas secas e nas matas úmidas do litoral foram: (1) a coloração da face, bochecha e frente totalmente negra ou com estrias

beges mais ou menos evidentes; (2) a coloração laranja, marrom ou marrom-alaranjada da cauda; (3) a região cervical branca, bege ou bege-esbranquiçada; (4) o corpo bege estriado de castanho ferrugíneo, bege e ocre, bege com estrias castanhas, cinzas e pretas e bege-brancacentas. Por outro lado, a coloração negra das mãos e pés foi observada em todos os indivíduos. Portanto, consideramos a coloração da pelagem pouco confiável como caráter taxonômico, embora ela tenha sido utilizada juntamente com a morfometria do crânio e a dentição na descrição dessa espécie por Kobayashi e Langguth (1999). Além disso, a coloração da pelagem foi utilizada para distinguir *C. coimbrai* e *C. barbarabrownae*, apesar da variação no padrão de coloração dentro de uma população poder ser maior que aquela observada entre essas duas espécies do grupo *personatus*. A carência de espécimes depositados em coleções científicas compromete a resolução deste desafio taxonômico.

Agradecimentos

À Dra Cecília Kierulff pelas críticas e sugestões ao manuscrito e à Andréa Margit, Anthony Rylands, Russell Mittermeier e Michael Tobias pelo apoio. À Fundação Margot Marsh, Universidade Tiradentes e às Empresas JP pelo apoio financeiro para a realização do estudo.

Marcelo Cardoso de Sousa, Universidade Tiradentes, Av. Murilo Dantas, 300- Aracaju-SE, CEP 49.032-490, mcsousa@infonet.com.br, **Sidnei Sampaio dos Santos**, Associação Baiana para a Conservação dos Recursos Naturais (ABCNRN), Salvador-BA, e **Mariana Coelho Marques Valente**, Universidade Católica de Salvador-BA

Referências Bibliográficas

- Brasil, MMA, 2003. *Lista oficial das espécies da fauna brasileira ameaçada de extinção*. Ministério do Meio Ambiente (MMA), Brasília. Diário oficial da união – Seção 1 101: 88–97.
- Brasil, MMA, 2007. *Relatório de Atualização de Áreas Prioritárias para a Conservação, Uso Sustentável e Repartição de Benefícios da Biodiversidade Brasileira*, Ministério do Meio Ambiente (MMA), Brasília. Portaria n.9 de 23 de janeiro de 2007.
- Coimbra-Filho, A. F. e Câmara, I. de G. 1996. *Os limites originais do Bioma Mata Atlântica na Região Nordeste do Brasil*. Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, Rio de Janeiro, Brasil.
- Jerusalinsky, L., Oliveira, M. M., Pereira, R. F., Santana, V., Bastos, P. C. R. and Ferrari, S. F. 2006. Preliminary evaluation of the conservation status of *Callicebus coimbrai* Kobayashi & Langguth, 1999 in the Brazilian State of Sergipe. *Primate Conservation*. 21: 25–32.
- IUCN, 2007. 2007 IUCN Red List of Threatened Species. Website: <http://www.iucnredlist.org>. Downloaded on the 23rd of March 2007 (“Acessada em 23 de março de 2007”).
- Kinzev, W. G. 1981. The titi monkey, genus *Callicebus*. In: *Ecology and Behavior of Tropical Primates*, Vol. 1, A. F. Coimbra-Filho and R. A. Mittermeier (eds.), pp.241–277. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, Brazil.
- Kobayashi, S. and Langguth, A. L. 1999. A new species of titi monkey, *Callicebus* Thomas, from north-eastern Brazil (Primates, Cebidae). *Rev. Bras. de Zool.* 16: 531–551.
- Printes, R. C. 2005. Novos registros sobre a distribuição do guigó da caatinga *Callicebus barbarabrownae* (Hershkovitz, 1990) e novo limite sul de *Callicebus coimbrai* (Kobayashi e Langguth, 1999). Em: *Programa e Livro de Resumos: XI Congresso Brasileiro de Primatologia*, p. 154. Sociedade Brasileira de Primatologia, Porto Alegre, Brasil.
- Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Lei N. 9985 de 18 de julho de 2000. disponível em: <http://www.universia.com.br/materia/img/ilustra/2006/abr/artigos/snuc.pdf> Acessada em: 15 de maio de 2007.
- Sousa, M. C. 2000. New localities for Coimbra-Filho's titi monkey, *Callicebus coimbrai*, in North-east Brazil. *Neotrop. Primates* 8(4): 151.
- Sousa, M. C. 2003. Distribuição do guigó (*Callicebus coimbrai*) no Estado de Sergipe. *Neotrop. Primates* 11(2): 89–91.
- van Roosmalen, M. G. M., van Roosmalen, T. and Mittermeier, R. A. 2002. A taxonomic review of the titi monkeys, genus *Callicebus* Thomas, 1903, with description of two new species, *Callicebus bernhardi* and *Callicebus stephennashi*, from Brazilian Amazonia. *Neotrop. Primates* 10 (Suppl.): 1–52.

OCCASIONAL FIELD OBSERVATIONS OF THE PREDATION ON MICE, DOVE AND ANTS BY BLACK-TUFTED-EAR MARMOSETS (*CALLITHRIX PENICILLATA*)

Ita de O. Silva
Adriano B. B. Alvarenga
Vanner Boere

The black-tufted-ear marmoset (*Callithrix penicillata*) mainly feeds on plant exudates which can comprise up to 70% of the diet (Miranda and Faria, 2001). Other items included in the diet are insects, nectar and flowers, in different proportions. Stevenson and Rylands (1988) classify marmosets from the *Jacchus*-group as exudativore-insectivores. It is known that marmosets opportunistically feed on protein sources i.e. prey, and that their small size allows for a quite diverse diet (Rylands and Faria, 1993). Insects are the most important source of protein, but other protein-rich food currently described for this species are ants, spiders, lizards, snails, frogs, eggs and bird hatchlings (Stevenson and Rylands, 1988; Passamani and